

**Deponente:** João da Paz Rocha

**Entrevistadores:** Jurandir Persichini e Ronald Rocha

**Data:** 15 de julho de 2015

**JURANDIR:** Uma participação, como que era integração com os seus companheiros né, os companheiros da época, né. Como é que você se movimentava nessa trajetória até Nova Lima, né. E como que era? Como que era. E ligando muitas assim, lembrando né, das conquistas, além das conquistas né, mas também das dificuldades e dos problemas que vocês tiveram né, que vocês foram, vamos dizer, prejudicados por uma série de questões, de medo, de... E vocês estavam defendendo, principalmente a vida né, porque era as condições de trabalho que a Malvern oferecia eram bem, né, principalmente para os mais de baixo eram bem mais difíceis, né? Então, esse depoimento no início né, a gente vai formalizar, você vai dizer para nós, para o registro né, você podia falar primeiramente né: “Meu nome é João da Paz Rocha. E tal. Eu nasci em tal dia.”. E falar uma ficha assim, de introdução para essa coisa ficar assim bem verdadeira e ao final, depois a gente gostaria que você deixasse também registrado, para, conosco assim, deixar registrado que você autoriza a gente publicar e falar de sua vida e da vida do sindicato, da vida profissional e você autorizando. É apenas uma maneira assim da gente ser verdadeiro, não é questão de reportagem não. É um depoimento seu né, um depoimento seu, você vai lembrando as coisas. Você fica à vontade, a gente não vai interromper você falar. Você vai lembrando né, só depois, ao final quando você achar que esgotou aí a gente faz algumas perguntas que a gente tem, algumas coisas do sindicato, dos movimentos sindicais desde 49, aquele 51 que foram prejudicados né, aqueles 51. Depois o próprio 64 né, que nós tivemos aquele número enorme que você tem boa lembrança e você tem isso na sua mente né, na sua memória né.

**JOÃO:** (Trecho incompreensível).

**JURANDIR:** E das coisas assim que foram desenvolvendo, dos companheiros que tombaram, que tombaram e dos grandes feitos assim, até lembrando dos nomes né. Todos os dois tem participado ativamente né, nós estamos pesquisando e a gente levantou os livros da Yonne Grossi que teve aqui com você [sic]. Você lembra da Yonne Grossi? Yonne Grossi que escreveu...

**JOÃO:** Yonne?

**JURANDIR:** Yonne Grossi, que fez um...

**JOÃO:** (Trecho incompreensível).

**JURANDIR:** Ela veio, ela veio aqui com, na época era o companheiro dela, Fábio Martins que faz parte né, do livro que chamado Morro Velho: A extração do homem.

**JOÃO:** Eles moram em Nova Lima?

**JURANDIR:** Não, eles são de...

**JOÃO:** Nós (trecho incompreensível) com pessoa de Nova Lima.

**JURANDIR:** Ah não, porque veio com o pessoal de...

**JOÃO:** Como é que é? Aquele Alcebíades?

**JURANDIR:** Ah, é Alcebíades. É. Foi com o Alcebíades.

**JOÃO:** Sempre telefona para mim.

**JURANDIR:** É a gente tem que falar...

**RONALD:** Também deu depoimento, né, Alcebíades também deu.

**JURANDIR:** Alcebíades, a Magda. Que é filho do Alcebíades né, mulher do Alcebíades.

**RONALD:** Um grande amigo nosso aí.

**RONALD:** É. Podemos então? O senhor vai fazer a introdução, né? Pode fazer a introdução.

**RONALD:** Como é que você...

**RONALD:** O que vier à cabeça. "Hoje, dia tal, tal, a comissão aqui, representada por mim que está achando, (trecho incompreensível), assessor, tal, tal, tal.". Aí você contextualiza e fala: "Estou aqui em Raposos, na casa tal, tal, tal, tal.". E chama para ele, você fala dele, agradece a ele por esse depoimento que ele está dando para nós que ele vai contribuir sobremaneira para o relatório que a gente está fazendo né, além de tá prestando um relevante serviço à memória do país [sic].

**JURANDIR:** E a gente faz essa cabeça, depois faz as passagens, né?

**RONALD:** É, daí depois você abre para ele. Aí depois que fazer a cabeça, você começa falando.

**RONALD:** Ele faz a cabeça, o senhor se precisar, achar que precisa alguma orientação você faz também.

**JURANDIR:** Tá [sic].

**RONALD:** Não tem problema. O nome completo dele você sabe, né?

**JURANDIR:** Sei.

**RONALD:** E o apelido também.

**JOÃO:** Há alguns anos. É bom usar também, é uma boa também, né?

**JURANDIR:** Ah é. Porque ele conhecido também né como João Fubá.

**RONALD:** É.

**JURANDIR:** Vamos lá? Hoje, dia 15 de julho de 2015. Estamos aqui em Raposos, Minas Gerais. Na casa do ex-presidente do sindicato dos Mineiros, João da Paz Rocha. O João Fubá. Foi presidente por duas vezes, do sindicato dos mineiros e estamos aqui em sua residência para fazer um, colher um depoimento para a Comissão da Verdade de Minas Gerais. Nesse depoimento o nosso ex-presidente do sindicato fará uma exposição sobre a sua participação nos movimentos em que ele foi presidente e fazendo com que esse depoimento seja parte integrante do relatório da Comissão da Verdade que está fazendo levantamento sobre os principais momentos dos direitos humanos em Minas Gerais. Então nós estamos aqui com João da Paz Rocha, o João Fubá, ex-presidente do Sindicato dos Mineiros que fará o seu depoimento. Estamos aqui com a presença dos assessores da Comissão da Verdade, Ronald Rocha e este membro da Comissão Jurandir Persichini que estão aqui de viva voz para fazer esse levantamento.

**RONALD:** Gostaria de agradecer, desde já o depoimento do Senhor João né.

**RONALD:** Então já pode? De antemão a gente está fazendo agradecimento ao Senhor João da Paz Rocha, o nosso João Fubá, por ceder a sua casa para nos receber né. E estamos aqui em uma manhã muito agradável, fria de Raposos. Estamos então agradecendo e já abrindo para ele, ele fazer a sua apresentação. Por favor, Senhor João, seu nome e a sua, por favor, a sua qualificação.

**JOÃO:** Meu nome é João da Paz Rocha, sou nascido no Morro Vermelho, município de Caeté. Nasci em 1928, e quando tinha dois anos eu vim para Raposos, meu pai mudou para Raposos porque ele trabalhava na mina, ia a pé e voltava a pé três léguas para poder trabalhar (trecho incompreensível), a dificuldade era muita então nós mudamos aqui para Raposos nessa época. Foi muito difícil porque a gente, meu pai era um homem muito lutador, muito trabalhador, morava em roça, depois veio para Morro Velho, foi encarregado na mina de Morro Velho, muitos anos. E morreu com a doença chamada silicose, uma doença terrível que era, havia nos trabalhadores daquela época. Todos aqueles trabalhadores que furava pedra [sic], com as máquinas, eles acabavam morrendo com a poeira no pulmão. E meu pai veio para cá, trouxe a família e nós vivemos aqui esse tempo todo morando no, uns tempos morando no Cascalho, depois mudamos para (trecho incompreensível) e depois veio para essa casa, aqui. Aqui eu moro desde a época de criança, eu vim para aqui com sete anos

de idade, para essa casa que vocês estão nela. E a minha vida foi uma vida de luta, 14 anos entrei para Morro Velho, aprendi o ofício de funileiro que para mim foi muito bom, para mim foi a coisa melhor da minha vida porque a família já com sete, seis filhos, tudo moça e era uma dificuldade muito grande para mim ganhando um salário mínimo. Mas Deus foi tão bom para mim que me deu a oportunidade de aprender alguma coisa, para aumento da minha renda familiar. E eu vivi, casei em 1951, com minha esposa, chamava Maria da Piedade Santos Rocha, daqui dessa rua também. E cumpri a minha vida, trabalhando no Morro Velho, trabalhando em casa no ofício de funileiro. Foi isso é o que foi, a renda que eu tive era (trecho incompreensível), toda a vida assim, manutenção da minha família. Lutei muito, mas estou muito satisfeito porque estou com a família criada, todo mundo sadio.

**JURANDIR:** Aí como você participou do Movimento Sindical?

**JOÃO:** O sindicato foi interessante. Eu, acontece que eu, já era muito conhecido porque eu frequentava todas as assembleias, desde menino. Comecei a frequentar assembleia muito cedo porque meu pai não perdia uma assembleia e eu como gostava, ele me levava para todas as assembleias. E quando eu fiz 14 anos, eu entrei para Morro Velho e já comecei a falar também (trecho incompreensível), dar a minha palavra lá no sindicato naquelas assembleias pesadas daquela época, né. A gente passou por um momento muito difícil e veio o movimento, veio 64, eu fiz diversos depoimentos com o delegado, não lembro o nome dele agora no momento, mas fiz depoimento muito forte com ele, na casa paroquial para o, veio uma pessoa aqui me chamou, que estava me chamando na casa paroquial e eu cheguei, quando eu cheguei eu me assustei com aquele moço assim, já foi chegando, já foi mandando eu sentar. Eu sentei, ele muito bruto fez um depoimento para mim muito pesado, mas graças a Deus, eu não tinha nada. Assim, problema nenhum, com o movimento naquela época que era difícil aqui em Raposos. Muito perseguidos os comunistas, mas eu tinha, eu tinha contato com eles todos. Eu vivi com eles, mas nunca também tive o meu nome no Partido Comunista Brasileiro. E isso que me ajudou muito porque eu, aí eu já fui aprender alguma coisa. Eu fui para o sindicato em 1957 o Alexandre arrancou o ditador do sindicato, o Zé Nir e nós entramos com aquela chapa e ganhamos. Foi muito pesado naquela época porque era muita perseguição, a gente tinha que sair daqui pegando bonde [sic], talvez saindo com dificuldade. Aí veio a revolução de 64, quando veio a revolução o nós foi muito pior porque a polícia encima e eu fiz diversos depoimentos e eu era presidente também da Sociedade (trecho

incompreensível) Raposos. Fui criado até pelos trabalhadores e eu era presidente e é com isto me trouxe muita dificuldade porque lá eles falaram que eu fui criado por comunistas e me colocou assim como comunista. Mas Deus me ajudou e eu antes, antes de acontecer as coisas eu fui na Corregedoria de Polícia, tirei o depoimento, tirei uma folha corrida do DOPS e Deus me ajudou que com isso eu não tive problema nenhum. Tanto é que eu chegava, apresentava e Deus me concedeu essa graça de não ter problema nenhum com a revolução. E (trecho incompreensível) não tive medo não porque eu era sindicalista, mas nós, o Sindicato de Nova Lima foi saqueado, foi bloqueado, ficou muito tempo com pessoas diferentes né, administrando nosso órgão de classe. E, mas eu sempre fui chegado, eu não perdia, com tudo isto eu não perdia uma reunião no sindicato, assembleia todas [sic]. Mesmo assim, eu ia. E com isto Deus me concedeu a graça, eu fui à presidência do sindicato. Depois do sindicato, com os companheiros daquela época nós conseguimos criar a Associação de Aposentados, que ela hoje funciona muito bem, graças a Deus. Foi criada por mim, ela funciona e Deus está ajudando que ela traz muito benefício também para os trabalhadores aposentados. Na revolução, eu não corri, a maior, grande parte de companheiros meus correram porque foi, eles iam nas casas, saqueavam tudo. Eu tinha um amigo aqui chamado Nico de Souza, ele era, daquela época ele era do sindicato também, tinha entrado quase naquela época, a polícia veio na casa dele, fez uma confusão danada e prendeu, foi preso. E eu graças a Deus não estive preso, fiz diversos depoimentos no DOPS. Fiz diversos depoimentos em Nova Lima, aqui em Raposos, mas graças a Deus eu não fui tachado como comunista. Mas sempre pertenci, eu sempre pertenci à turma né, aquela turma. Fui para o Rio, pertenci àquela luta da defesa dos minérios: “O nosso minério é nosso.” que era o slogan era “O nosso minério é nosso.”. Eu participei de tudo, naquela época e com isso eu fiquei em 1957, o Zé Alexandre entrou para o sindicato, quando ele saiu a intervenção entrou no sindicato. Eu ficava muito assim, pensando em como que eu ia fazer, porque todo o mundo ficou com medo, mas como eu tinha essa folha corrida tirada do DOPS, eu falei: “Isso aqui vai me ajudar muito.” e saí daqui para fazer uma comissão para poder criar um novo sindicato, acabou eu sendo, saí dali como presidente do sindicato. E lá eu estive esse tempo todo, Deus me ajudou que eu aprendi muita coisa, né, ali. Foi muito bom para mim, foi muito bom para a minha família. E Deus me ajudou que eu estou aí, com meus 87 anos. Mexi sempre com política, fui também Vereador por três mandatos e minha vida é esta. Minha vida é bastante penosa porque naquelas época

a gente passou muito aperto[sic]. Eu via um amigo né, amigo meu assim sendo morto, foi morto até atrás do sindicato ali e a gente ficou com aquela coisa na cabeça muito tempo. Mas Deus me ajudou que as coisas foram melhorando, melhorando. Aí veio e mudou a situação na política e eu entrei para o sindicato em 1957, fui presidente duas vezes do sindicato, depois criei a federação, a Comissão de Aposentados e fiquei também 12, 10 anos como presidente da Associação de Aposentados. Depois eu vi também que a minha vida já estava bastante assim penosa porque a gente tinha que sair daqui todo o dia para Nova Lima, deixar família, a família muito grande. Eu resolvi, dei a eleição, ganhou uma pessoa que eu queria que ganhasse e está lá a associação de aposentados até hoje em Nova Lima.

**RONALD:** Persichini, você podia fazer as perguntas, agora, né?

**JURANDIR:** Tá. Vamos fazer uma passagem aí né?

**RONALD:** Pode ir direto.

**JURANDIR:** Pode ir direto? Não, é, você podia situar dessas perseguições né, você citou, quem foi esse companheiro que você viu ser assassinado?

**JOÃO:** Wilio, (trecho incompreensível), Wilio Dias Gomes. Foi assassinado atrás do sindicato ali. E depois...

**JURANDIR:** Você chegou a ver quem atirou? Como que foi o quadro que foi montado assim.

**JOÃO:** As pessoas que eu, eu não vi, mas depois fiquei sabendo através de outras pessoas foi aquele jagunço mesmo do Morro Velho né, que matou ele, que ele era o sindicalista muito especial. Uma pessoa muito fina. E era uma pessoa muito poderoso assim no movimento sindical [sic]. E com isso eles aproveitaram, atiraram nele e matou ele. Em um dia da assembleia, nós estava tudo no sindicato [sic], quando escutamos os tiros, quando nós chegamos lá já estava morto lá no chão já.

**RONALD:** O senhor lembra o ano? A data?

**JURANDIR:** Se eu lembro a data que foi isso?

**JOÃO:** Ah, assim no momento não estou lembrado mais não.

**JURANDIR:** Mas foi, estava sendo realizado uma assembleia [sic], né?

**JOÃO:** Uma assembleia.

**JURANDIR:** E ele foi executado em virtude dessa...

**JOÃO:** É, porque ele era um sindicalista muito especial.

**JURANDIR:** Tinham outras pessoas também que estavam sendo perseguidas nessa época?

**JOÃO:** Ah tinha, tinha o Zé Alexandre, Alberto Lemos, Sebastião de Oliveira. Todos esses foram pessoas muito perseguido [sic], mas depois o tempo foi passando. O Zé Alexandre chegou a ser presidente da Federação dos Mineiros e Sebastião de Oliveira também chegou a ser presidente da também da Federação e nós tivemos ainda, todos nós tivemos contemplação na Confederação em Brasília, viajei muito. Viajei muito para Brasília para poder levar as questões do trabalhador de Morro Velho e lá fiquei conhecendo muitas pessoas né, muitas pessoas tomou minha amizade lá e viajava diretamente para Brasília para poder levar reivindicação dos trabalhadores [sic]. Tive reunido com João Goulart[sic], tive[sic], já tive reunião com Juscelino Kubistchek [sic], almocei com Juscelino Kubitschek naquelas época [sic]. Era uma vida muito boa para mim naquela época e Deus me ajudou, eu continuei na política, fui Vereador por três mandatos e estou aí com meus 87 anos, com minha luta de trabalho, mas graças a Deus foi tudo bom, tudo coisa honesta e Deus me deu muita graça que eu aprendi muita coisa na minha vida.

**JURANDIR:** Além dos jagunços né, que foram citados aí, você lembra de algumas pessoas que eram, vamos dizer assim, infiltrados no sindicato?

**JOÃO:** Olha, eu tive uma pessoa que foi dessa turma, dessa matança. Mas ele acabou. Ele, quando o Zé Alexandre entrou, ele tomou amizade do Zé Alexandre tão grande que ele se tornou um sindicalista, viajou muito comigo para Brasília. Ele chamava Dedé Gomes, ele morreu há uns tempos para atrás aí, e esse homem acabou de jagunço em Morro Velho, acabou sendo um sindicalista muito bom.

**JURANDIR:** Você lembra também né? Claro, do Dazinho Pimenta.

**JOÃO:** Muito.

**JURANDIR:** Como era a sua relação com o Dazinho Pimenta?

**JOÃO:** Ah, o Dazinho foi também uma pessoa que eu aprendi muita coisa né. Porque o Dazinho ele era do sindicalista muito fino também, uma pessoa honesta, muito religioso, todo o mundo sabe. E todo mundo sabe aí, vocês também conhecem essa história que o comunista eles falam que comunista é ateu e o Zazinho foi tachado como comunista e era um católico de profissão mesmo, uma pessoa que estava ali como, fazendo sua comunhão diária e etc. E acabou ele também teve problema muito sério, foi preso naquela época, mas depois saiu ele foi montar em um animal, caiu, ficou com problema na perna e depois de imediato também. Depois, foi uma pessoa muito bom [sic].

**JURANDIR:** Você conviveu com Dona Maria Silva?

**JOÃO:** Muito.

**JURANDIR:** Como que era a participação dela nas ligas, né, das associações?

**JOÃO:** Ela era da Associação das mulheres né.

**JURANDIR:** É.

**JOÃO:** E ela era a presidente e foi uma mulher muito também sindicalista, foi uma mulher muito, aprendeu muita coisa, uma mulher muito boa. Frequentei diversas reuniões com elas, com as mulheres porque naquela época, eu não sei assim por quê Deus me ajudou que eu fiz um, copiei um discurso e fiz esse discurso na, elas me chamaram para mim falar sobre o que eu tinha falado na reunião do sindicato e eu participei da reunião delas também para fazer aquelas explicações que eu tinha feito por mim mesmo. E foi muito bom, porque foi a associação das mulheres, juntou muito sindicato naquela época, muito mesmo. Eu mesmo tive muitas relações de amizade com todas elas, Dona Maria Silva também. E senti muito, né, que nós perdemos, mas ficou o nome gravado.

**JURANDIR:** Aqui após o Padre Antônio Donato de Lima que ele foi operário também né? O Padre Antônio?

**JOÃO:** Foi, foi.

**JURANDIR:** E ele foi um pároco que ele teve uma participação? Qual que era assim o maior motivo dele assim dentro do movimento sindical? Que ele, como que ele exercia a sua influência para o lado e para o outro?

**JOÃO:** Eu conheci mesmo o irmão dele né, o irmão dele que era sindicalista. Depois eu fiquei, o Padre Antônio veio para aqui, a gente tomou uma amizade muito grande, era um padre assim rígido, mas um padre muito bom. E trouxe muita vantagem assim, para Raposos, no tempo dele. Depois houve problemas aí com ele que a gente não devia nem comentar e ele teve que sair daqui. Ele teve que sair daqui, foi embora para Nova Lima, depois desapareceu e morreu, mas foi um Padre muito bom.

**JURANDIR:** Ele foi para o asilo lá de São Sebastião.

**JOÃO:** Hein?

**JURANDIR:** Asilo São Sebastião lá no... Lá no (trecho incompreensível) de Lima, ele morreu lá.

**RONALD:** Só que quando ele fala de depoimento do tal Delegado, esse depoimento era delegado do DOPS? O senhor lembra qual que foi? Qual foi? O senhor chegou a ser ameaçado por ele?

**JOÃO:** Cheguei. Cheguei. Eu fiz depoimento na Câmara Municipal de Nova Lima, com ele, esse homem ele metia muito assim a mão na cara da gente para poder falar, né. Ele falava assim: “Ah, você sabe de tudo. Você conhece todo mundo.” E eu fui mais assim, bode expiatório porque eles me chamaram para poder eu entregar aqueles companheiros e eu, graças a Deus, Deus me deu a graça que eu fui chegando, fui entendendo o que eles queriam e levei o depoimento bem-conceituado, mas sem por nome de ninguém.

**RONALD:** O senhor lembra o nome desse Delegado?

**JOÃO:** Ah, agora eu não lembro não.

**RONALD:** Foi um único depoimento que o senhor deu, uma única vez? Ou teve vários[sic]?

**JOÃO:** Não, eu fiz esse com esse delegado e com ele mesmo que eu fiz outro aqui na casa do padre, que até estranhei na época, deles me chamarem para fazer depoimento na casa do Padre. Daí foi muito pesado também, aqui na casa do padre.

**RONALD:** O Padre era amigo dele?

**JOÃO:** Hein?

**RONALD:** O Padre era amigo dele? Do Delegado?

**JOÃO:** Eu não lembro assim se eles eram amigos não, eu acho que não, mas ele foi uma pessoa que não gostava também de comunista, né? Padre, na época não gostava dos comunistas.

**RONALD:** O senhor lembra o nome do Padre?

**JOÃO:** Pois esse Padre Antônio.

**RONALD:** Ah, o Padre Antônio.

**JOÃO:** É. Ele não gostava muito de comunista.

**JURANDIR:** Padre Antônio Donato de Lima.

**JOÃO:** Padre Antônio Donato de Lima. É.

**JURANDIR:** Por um acaso esse nome desse Delegado lembra alguma coisa Diocélio?

**JOÃO:** Diocélio. Lembra.

**JURANDIR:** Pois é, esse delegado?

**JOÃO:** Esse delegado, você me lembrou.

**RONALD:** Ele era delegado aqui em Raposos?

**JOÃO:** Não. Era Nova Lima, né?

**RONALD:** Ah, de Nova Lima.

**JOÃO:** É. Mexia mais de Nova Lima e ele que colheu todo o meu depoimento. Até me lembro né, que quando ele perguntou sobre os... Que nós tínhamos grupo de compra aqui em Raposos, ele lembra desse grupo de compra que nós tínhamos aqui, foi, ajudou muito os trabalhadores. Nós nos reunia entre nós [sic], fazia as listas, comprávamos e trazia tudo e distribuía entre si. Foi uns tempo muito bom [sic], foi muito econômico para aqueles trabalhadores que faziam parte, igual eu, no meu caso com 12 filhos, naquela época eu tinha sete, oito. Antônio Chapéu De Breu, com 12 ou 13 filhos, tinha outro também que tinha muito filho aí. Bento, não era Zé Bento que ele chamava não, só sei que é Bento. Esse homem, ele tinha muitos filhos e o grupo ajudou muito nós porque nós fazia lista enorme, né. E tinha, já comprava diretamente do atacadista, fazia muita economia porque a gente comprava tudo de preço, não tolerava o comercio para comprar. Mas também foi uma coisa que foi criado assim [sic], muito bom né, também foi muito perseguido naquela época. Depois eles acabou cortando mesmo o grupo de compra [sic].

**JURANDIR:** Que substituía um pouco o grupo de, a casa Aristides, né?

**JOÃO:** É.

**JURANDIR:** Substituiu, né. Foi uma substituição que vocês não eram escravos lá da...

**JOÃO:** Não, não era não. Nós fazia a lista entre si, cada um fazia, aí vinha o mantimento, a gente ia lá, buscava, trazia no burro, voltava de carroça. Mas foi um tempo assim, difícil, mas Deus foi muito bom para todos nós. Para a nossa família, com muita dificuldade, mas Deus ajudou.

**RONALD:** Senhor João, por favor, o senhor se lembra daquela foto, aquelas fotos que tem lá dentro da sede do sindicato? Dos fundadores do sindicato?

**JOÃO:** Lembro.

**RONALD:** São 18 fotos que tem ali, mas os fundadores são 17 só. Tem uma foto a mais. Essa foto a mais, o senhor lembra de quem era? Todo mundo fala e está escrito que o sindicato foi fundado por 17 fundadores e tem 18 pessoas naquela fotografia.

**JOÃO:** É porque ali tinha, porque o sindicato foi criado por uma pessoa que não era sindicalista. Ele não era sindicalista, ele era um homem assim, andado.

**RONALD:** Sei.

**JOÃO:** E ele ajudou a criar o sindicato. É esse que falta o nome dele ali. Mas ele nunca foi empregado em Morro Velho.

**RONALD:** Ah, e a foto dele está lá? Entre esses 18?

**JOÃO:** Tá [sic].

**RONALD:** Qual é o nome dele? O senhor lembra?

**JOÃO:** Eu não lembro, não estou lembrado não.

**RONALD:** Os 17 também o senhor não lembra o nome? Todos?

**JOÃO:** Ah...

**RONALD:** Não, né?

**JOÃO:** A memória, agora não dá para a gente...

**RONALD:** É muito tempo, né?

**JOÃO:** Poder lembrar não.

**RONALD:** E esse que ajudou a fundar o sindicato e que não era sindicalista, o senhor lembra a profissão dele? O nome o senhor não lembra, mas ele fazia o quê? Trabalhava em quê?

**JOÃO:** Olha, eu não lembro assim mais.

**RONALD:** Também não?

**JOÃO:** Não.

**RONALD:** É sapateiro?

**JOÃO:** Sapateiro.

**RONALD:** Era sapateiro?

**JOÃO:** Justamente, o senhor me lembrou. Era o sapateiro.

**RONALD:** Ah, sei.

**JOÃO:** Esse sapateiro ele é que ajudou mesmo, foi um dos pioneiros, naquela época, na criação do sindicato.

**RONALD:** Então a fotografia dele está lá também? Entre aqueles 18?

**JOÃO:** Não, não.

**RONALD:** Não.

**JOÃO:** Tem não.

**RONALD:** Se não é a foto dele, de quem é? Porque tem 18 fotografias, mas são só 17 fundadores. Se não é o sapateiro, quem é que está?

**JOÃO:** Dele não tem não.

**RONALD:** Não tem. Então quem é esse?

**JOÃO:** De repente Doutor Wilson.

**RONALD:** O Wilson. É, mas o Doutor Wilson é depois.

**JOÃO:** Depois. É. Foi da criação do sindicato.

**RONALD:** Sei. Outra pergunta para o senhor, é a seguinte. É o seguinte, o senhor lembra qual era o nome do vigário na ocasião da morte do Willian, em 48, em Nova Lima?

**JOÃO:** Não, não lembro.

**RONALD:** O senhor não lembra não, né?

**JOÃO:** Não lembro não.

**RONALD:** É um que fazia umas procissões, atacando os comunistas. O senhor não lembra o nome dele não, né?

**JOÃO:** Não, não lembro não.

**RONALD:** E o senhor lembra em 1948, em 1948 o senhor tinha 20 anos?

**JOÃO:** É.

**RONALD:** Teve uma greve. Em 1948 teve uma greve que durou dois dias, aí os operários pararam, fizeram a greve, por causa daquele plano canadense.

**JOÃO:** Sim, isso mesmo.

**RONALD:** Foi, fizeram a greve e depois houve no primeiro dia da greve houve uma concentração, uma espécie de uma manifestação em frente ao portão, aquele portão que fica na boca, lá em Nova Lima, na entrada da mina.

**JOÃO:** Sim.

**RONALD:** Houve uma manifestação ali. E nessa manifestação alguém deu tiro no povo lá, que estava na manifestação e teve um operário que foi ferido. O senhor lembra desse episódio?

**JOÃO:** Olha, assim, tem pouca lembrança, né? Porque naquela época eu já estava rapaz, mas não lembro assim muito não. Mas eu sei desse caso. Naquela época foi uma concentração que foi feita lá no portão e os jagunços do governo veio e atirou.

**RONALD:** E quem é que deu esse tiro?

**JOÃO:** Olha, eu não lembro assim...

**JURANDIR:** Eu vou pedir só um pouquinho, porque aqui já deu os 30 minutos agora.

**RONALD:** Aí depois nós continuamos.

**JURANDIR:** Aí continuamos desse ponto. Podemos retomar. O senhor retoma desse aqui, quem foi (trecho incompreensível).

**RONALD :** E pelo mesmo que o senhor não tenha visto, o senhor viu alguém dizer qual era o nome dessa pessoa que atirou na...

**JOÃO:** Olha, quem atirou eu não lembro não. Mas eles falavam muito pelo que, do Dedé Gomes.

**RONALD:** Como?

**JOÃO:** Dedé.

**RONALD:** Dedé Gomes?

**JOÃO:** Dedé Gomes. Que Dedé Gomes era um dos jagunços da companhia e depois se tornou um líder sindical. Que por sinal, bom. Viajamos diversas vezes para Brasília juntos, para a comissão.

**RONALD:** Tá. Mas de qualquer forma, o senhor não sabe quem atirou, mas o senhor sabe que foi gente ligado à empresa[sic]?

**JOÃO:** Foi.

**RONALD:** Foi?

**JOÃO:** Foi.

**RONALD:** Foi jagunço da...

**JOÃO:** Da empresa.

**RONALD:** Da companhia?

**JOÃO:** É.

**RONALD:** E o senhor ouviu falar que quantas pessoas feridas naquele dia? Daquela greve de 1948? O senhor ouviu falar se foi um só ou se teve mais feridos?

**JOÃO:** Não, não lembro.

**RONALD :** Não. Não lembra, né?

**JOÃO:** Desse também não. Acho que não teve não.

**RONALD:** Uhum. Sei. E no dia em que morreu esse seu amigo, o Willian...

**JOÃO:** Willian.

**RONALD:** O Willian. O senhor sabe quem atirou no Willian? Foi algum jagunço. Mas tem o nome dessa pessoa?

**JOÃO:** Olha, eu não tenho assim, falar com muita convicção não, mas eles falam que foi através de jagunço que era comandado por Dedé Gomes. Cara, o nome deles eu não sei não sei não.

**RONALD:** Tá.

**JOÃO:** Aliás, sei mas não lembro mais.

**RONALD:** Mas o pessoal falava que o Dedé Gomes era que comandava?

**JOÃO:** É que comandava.

**RONALD:** Mas o senhor não ouviu dizer quem é que deu o disparo?

**JOÃO:** Quem deu o tiro. Não lembro não.

**RONALD:** Não?

**JOÃO:** Não.

**RONALD:** O senhor lembra se além do Willian, teve outros feridos, nesse mesmo dia? Morreu mais alguém ou foi só o Willian?

**JOÃO:** Não, morte mesmo foi o Willian. Outro eu não lembro.

**RONALD:** Não lembra não, né?

**JOÃO:** Não.

**RONALD:** E nem de ficar, de ouvir dizer? Nada?

**JOÃO:** Não.

**RONALD:** E, o senhor conheceu o Anélio Marques Guimarães?

**JOÃO:** Muito.

**RONALD:** Muito. Foi vereador né, lá em Nova Lima. E o Antônio Liberato, também foi vereador.

**JOÃO:** Me lembro dele.

**RONALD:** Pedro Matias né?

**JOÃO:** Esses daí de Nova Lima, né?

**RONALD:** Tudo em Nova Lima. E o Willian também era vereador, né?

**JOÃO:** É. O Willian foi.

**RONALD:** É. E eles foram eleitos em 1947, na eleição de 1947. Então, em 1948, quando o Willian foi morto ele já era vereador. Ele já tinha tomado posse como vereador. Depois Raposos ficou independente de Nova Lima.

**JURANDIR:** Emancipou.

**RONALD:** É, emancipou. Surgiu o município de Raposos porque antes Raposos fazia parte de Nova Lima. E essa emancipação foi no início de 1949. O senhor lembra se teve eleição aqui para vereador naquela época ou demorou? O senhor lembra disso?

**JOÃO:** Não, não lembro.

**RONALD:** Não lembra não, né?

**JOÃO:** Não lembro não. Eu sei que foi um movimento muito grande, né.

**RONALD:** Foi.

**JOÃO:** Um movimento muito grande, mas eu não tenho assim muita...

**JURANDIR:** Teve o primeiro prefeito, né, Lindouro. Pois é, e a Câmara de Vereadores, você não lembra quem que era não?

**JOÃO:** Ver se eu lembro alguns. Olha, Mané Fonseca. Eu lembro do Mané Fonseca que foi um dos primeiros vereadores.

**RONALD:** O Anélio continuou vereador depois aqui?

**JOÃO:** O Anélio.

**RONALD:** Ou não?

**JOÃO:** Ele foi, ele foi eleito uma vez.

**RONALD:** É, em Nova Lima, né?

**JOÃO:** É, Nova Lima.

**RONALD:** Antes da emancipação do município.

**JOÃO:** É, que eu não lembro que foi vereador não.

**RONALD:** Agora, o senhor lembra do nome do presidente da Morro Velho em 1948, quando o Willian foi morto? Quem era o presidente da Morro Velho?

**JOÃO:** Deixa eu ver se eu lembro aqui.

**RONALD:** Se não lembrar não tem problema não. Se lembrar, bem. Se não lembrar não tem problema não.

**JOÃO:** Não, estou lembrando. Eu lembro de Celso Jones. Celso Jones foi um das pessoas que, ele era assim como uma pessoa que atendia a todo o mundo, além de para emprego e também com as coisas que precisava de ser, coisas velhas.

**RONALD:** Sei.

**JOÃO:** Esse eu lembro.

**JURANDIR:** Ele era superintendente.

**JOÃO:** Superintendente. Era Superintendente.

**RONALD:** Uhum. Agora, vamos para o dia do golpe que houve, o golpe militar em 64. O senhor lembra quantas pessoas foram presas em Nova Lima e Raposos? Não é só depoimento não, é prisão mesmo.

**JOÃO:** Ah, eu lembro Anélio que morava aqui na época. Geraldo Policarpo.

**RONALD:** Anélio.

**JOÃO:** Geraldo Policarpo.

**RONALD:** Geraldo Policarpo.

**JOÃO:** Alaor.

**RONALD:** Um minutinho só. Alaor.

**JOÃO:** É.

**JURANDIR:** Benigno.

**JOÃO:** Qual é? Benigno. Mais o Benigno ele não foi preso assim igual aos outros não. Benigno foi preso depois.

**RONALD:** É. Depois. No dia assim, na época do golpe.

**JOÃO:** Na época do golpe.

**RONALD:** O senhor lembra mais alguém ou não?

**JOÃO:** Não, não lembro não.

**RONALD:** Não, né? Tá[sic]. E nessa época em que eles chamaram as pessoas para fazer depoimento né, mesmo sem prender, às vezes para fazer depoimento, o senhor lembra quantas pessoas foram chamadas? Mas não é número certo não, é muita gente, é pouca gente? É muita gente?

**JOÃO:** Não, não. As quantidades assim certas eu não sei não, mas foi bastante gente.

**RONALD:** Porque nós ouvimos falar, em alguns números, uns dizem que foi 300 pessoas que foram incomodadas, perseguidas aqui, em Nova Lima, somando tudo.

**JOÃO:** É, eles até falam, né, que é a turma dos 300. Assim tem até, 300 pessoas.

**RONALD:** Aham. Que foram chamados.

**JOÃO:** É. Que foram fazer depoimento, que foi preso.

**RONALD:** Foi incomodado em casa. Sei. E...

**JURANDIR:** O senhor não foi chamado nessa época não?

**JOÃO:** Não, nessa época eu não fui, eu fui depois.

**JURANDIR:** Mas depôs, né. Depois?

**JOÃO:** É.

**RONALD:** O senhor foi chamado para fazer depoimento.

**JOÃO:** Eu fui chamado pelo delegado. Eu estou pelejando para lembrar o nome desse delegado, ele fez um depoimento comigo muito forte lá em Nova Lima, sabe? E chegava muito a mão assim na cara da gente, gritava muito com a gente.

**RONALD:** É o delegado Dioclécio.

**JOÃO:** É Dioclécio é?

**JURANIR:** Dioclécio.

**JOÃO:** É. É isso mesmo.

**RONALD:** É esse aí que fez o IPN, a denúncia...

**JOÃO:** É, esse foi. Fiz depoimento com ele na Câmara Municipal de Nova Lima e aqui na casa do Padre.

**RONALD:** Sei. Qual era, uma outra pergunta. Como é que esse Padre era com o Dazinho. Eles eram conhecidos? Amigos ou não? Ou brigavam?

**JOÃO:** Ah, o padre, o padre da época ele foi um, tem comentário que foi ele que deu a lista para esse povo, os policiais.

**RONALD:** Para o delegado.

**JOÃO:** É.

**JURANDIR:** O Padre lá de Nova Lima, né?

**JOÃO:** Não, daqui.

**JURANDIR:** O Padre Antônio?

**RONALD:** De Raposos, né?

**JOÃO:** Uhum.

**RONALD:** Então ele era, digamos assim, adversário do Dazinho né?

**JOÃO:** Era.

**RONALD:** Era, né?

**JOÃO:** Era.

**RONALD:** Porque se ele deu a lista e o Dazinho foi um dos perseguidos né?

**JOÃO:** Mas o Dazinho foi mais em Nova Lima, né? O Padre aqui de Raposos.

**RONALD:** É. Mas o Dazinho como era do sindicato, ele também...

**JOÃO:** O Dazinho já foi (trecho incompreensível) dentro de Nova Lima.

**RONALD:** É.

**JOÃO:** Porque Dazinho era um dos sindicalistas assim muito, muito firme e era desses que falavam mesmo com muito cuidado e tudo, mas acabou se tachando ele também como comunista, mas Dazinho nunca foi comunista.

**RONALD:** É. Para eles todo mundo que era da oposição, contra o golpe era comunista né?

**JOÃO:** É. Eu participei de diversas coisas. Fui no Rio, igual eu falei para vocês aí na defesa do “O Nosso minério é nosso”, participei de outras coisas, muitas reuniões dele, mas eu nunca assinei nada. Tinha coisas que vinha para eu assinar, eu dava um jeito lá e, mas não perdia. Não perdia uma reunião, eu não assinei, graças a Deus, eu não assinei nada.

**RONALD:** O Senhor João, o senhor falou que quando foi, quando prestou depoimento esse delegado foi muito ríspido né, e agressivo com o senhor e tal. Ele foi assim com todo mundo que foi interrogado? O senhor tem notícias disso? De conversa com as pessoas?

**JOÃO:** Não. Não tive. Foi, eu sei de mim.

**RONALD:** Sei do senhor.

**JOÃO:** Comigo foi porque eu comecei a dar uns golpes também nele lá e ele desconfiou, ele gritou muito comigo né. E eu tive, foi um depoimento muito difícil. Porque foi, ele batia muito assim com soco na mesa para mim poder denunciar as pessoas[sic].

**JURANDIR:** Te intimidar, né?

**JOÃO:** É, intimidar, mas eu graças a Deus eu passei por tudo aquilo, mas não denunciei ninguém.

**RONALD:** Era só o senhor e ele na sala?

**JOÃO:** É.

**RONALD:** Não tinha mais ninguém?

**JOÃO:** Tinha o escrivão.

**RONALD:** Ah, tinha o escrivão. O senhor lembra o nome do escrivão?

**JOÃO:** Não, não lembro.

**RONALD:** Não, né.

**JOÃO:** Esse eu não lembro dele não.

**RONALD:** Sei. O nome desse escrivão e do delegado está na documentação.

**JOÃO:** Não lembro o nome dele não, mas tinha, tinha sim. Ele que fazia, batia tudo lá na máquina.

**RONALD:** Ficavam, antes, as pessoas que iam dar depoimento eram no mesmo tempo, ficavam aguardando do lado de fora? E chamavam um por um ou não?

**JOÃO:** Não, eu pelo menos fui chamado assim.

**RONALD:** O senhor foi sozinho? Só tinha o senhor?

**JOÃO:** Só eu. Porque eu era também na época eu era presidente da Sociedade Beneficente [sic]. E ele foi lá, tomou a chave, a chave lá ficava com a vizinha lá. Ele tomou a chave e ficou com a chave, só me entregou a chave depois que eu fiz tudo, os depoimentos, é que ele me entregou a chave.

**RONALD:** E o senhor ficou sabendo a respeito dessas pessoas que foram presas, que foram presas aqui, gente de Nova Lima também e levados para o DOPS.

**JOÃO:** Sim.

**RONALD:** Teve vários presos. O Anélio foi um deles.

**JOÃO:** O Anélio, o Zé Alexandre.

**RONALD:** Zé Alexandre.

**JOÃO:** Alberto Lemos.

**RONALD:** Isso, o Lemos. O...

**JOÃO:** Sebastião de Oliveira.

**RONALD:** O Aluízio Vieira.

**JOÃO:** Aluízio.

**RONALD:** Aluízio. E o senhor ficou sabendo se esse pessoal foi, sofreu maus tratos lá no DOPS? Alguém foi espancado?

**JOÃO:** Olha, eu fiquei sabendo de um fato, que não foi mentira porque depois eles contaram, eles fizeram lá de fora. Os presos estavam na cela, do lado de fora, assim, tem atrás assim, eles estavam com (trecho incompreensível) espancando uma pessoa até morrer, mas não estavam espancando coisa nenhuma. Depois que acabou, o cara não falava mais nada, eles jogaram anilina, assim, que era sangue do cara para passar perto da delegacia. Da cadeia assim, olha. Para fazer, fazer confusão com eles. E outra que eu lembro é que o Zé Alexandre foi posto na parede, na parede com fuzis assim, aí chegava, chegou o comandante, aí quem tava comandando né [sic], mandou atirar, mas era tudo conchavado[sic]. Eles iam atirar, (trecho incompreensível)na janela: “Opa, não atira não.” Isso aí eu ouvi. (Trecho incompreensível) sofreu muito.

**JURANDIR:** É, simular e fazer uma pressão psicológica.

**JOÃO:** Isto foi muito comentado.

**RONALD:** Sei. E mais alguma coisa o senhor ouviu sobre isso? Sobre esse tratamento que deram lá no DOPS para os presos?

**JOÃO:** Não, eu lembro que os tratamentos deles não foi bom, né [sic]? Isso aí tudo comentado, que não foi bom, que eles foram muito assim, humilhado [sic]. Só não houve espancamento, espancamento eu não sei quem é que apanhou. O Zé Alexandre eu sei. Alexandre, Alberto Lemos andou apanhando. Sebastião de Oliveira.

**JURANDIR:** O Lincoln?

**JOÃO:** O Lincoln não chegou a apanhar não. O Lincon foi preso aqui porque o Lincoln ele não era nem sindicalista rapaz, depois ele entrou para o sindicato, foi eleito a secretário, justamente nessa época (trecho incompreensível).

**RONALD:** Então quem apanhou foi o Alexandre, o Lemos.

**JOÃO:** Alberto Lemos apanhou muito, Sebastião de Oliveira, tinha um outro também, Joaquim, eu não sei. Joaquim Mariano. Joaquim Mariano também tinha o apelido de Joaquim Boa Conversa. Esse também sofreu muito.

**RONALD:** Bom, da minha parte.

**RONALD:** Eu posso perguntar?

**RONALD:** Claro.

**RONALD:** O nome José Pires do Couto lembra alguém para o senhor? Chegou a ter contato com alguém com esse nome?

**JOÃO:** José Pires Couto? Lembro. Eu lembro dele. Se você quiser saber de alguma...

**RONALD:** É. Ele tinha alguma participação contra os sindicalistas? Qual era o posicionamento dele no tratamento da...

**JOÃO:** Na época ele era um dos perseguidores. Ele foi um dos perseguidores também dos comunistas.

**JURANDIR:** Ele era de Nova Lima?

**JOÃO:** Era de Nova Lima.

**RONALD:** Qual o nome dele?

**RONALD:** José Pires do Couto. Ele foi, parece que ele foi jogador de futebol. O senhor sabe disso?

**JOÃO:** Não.

**RONALD:** Jogou no Cruzeiro. Palestra Itália na época.

**JOÃO:** Não, não lembro não. Jogador.

**RONALD:** É da família de Nova Lima, não é isso?

**JOÃO:** É Nova Lima.

**JURANDIR:** Tem um outro nome aí que depois ele foi até vereador, Caetano José Pires.

**JOÃO:** Caetano José Pires.

**JURANDIR:** Como que foi a participação dele?

**JOÃO:** Olha, o Caetano José Pires fazia parte do grupo, né.

**JURANDIR:** Dos 11?

**JOÃO:** Dos 11? E foi ele que escondeu a documentação naquela época.

**JURANDIR:** Grande companheiro.

**JOÃO:** É, aquela época ele escondeu os documentos que estavam, que comprovavam né, todo o movimento da associação. Escondeu tudo. Levou, escondeu, Disse que pôs na parede. Depois que passou não sei quantos tempos que ele tirou, Mas foi um bom sindicalista também.

**RONALD:** Quando houve as prisões do Aluizio Vieira dos outros todos aqui, teve alguma pessoa que acompanhou para contar, para dizer quem era? Gente assim da cidade?

**JOÃO:** Olha, não teve não, porque, por exemplo, o operário corria né. Ninguém chegava perto, todo mundo saía fora. Se fosse intervir os caras ia cascar os ferros nele também [sic]. Então não teve não, foi prisão assim, tirado de dentro de casa à

força. Eu lembro que o Souza foi tirado à força de dentro de casa, nós estava deitado ainda, quando eles entraram na casa dele [sic].

**RONALD:** Como que é o nome?

**JOÃO:** Entraram com toda brutalidade lá, invadiram. Fizeram uma confusão danada. Aqui eles vieram, vieram aqui em casa também, mas colheu só depoimento, mas eu estava em casa, mas graças a Deus não tive prisão não. Fui detido, horas e horas assim, lá em Nova Lima, para fazer depoimento. Mas assim, prisão, graças a Deus eu não tive.

**RONALD:** O senhor foi detido na delegacia?

**JOÃO:** É. Com o delegado, né?

**RONALD:** Sim. Foi na delegacia?

**JOÃO:** Mas tudo foi, eu fiz na Câmara Municipal de Nova Lima.

**JURANDIR:** O que ele está lembrando né, o que ele está puxando assim, é porque essas forças de repressão, esses delegados, esses policiais, os bate-paus, eles vinham, mas eles tinham que ter a colaboração de alguém do meio né. A gente, vamos dizer, o senhor lembra, principalmente em Nova Lima tem nomes assim bem, que afloram bastante nessa época aqui de conduzir porque Nova Lima é tão difícil de ir em uma casa ou na outra, mas só quem conhecia aqueles meandros né que chegava lá de madrugada, de supetão, mas cercavam a casa, sabiam. O senhor lembra dessas pessoas?

**RONALD:** É, agora, geralmente os policiais, os delegados quando iam fazer a prisão levavam alguém, um dedo duro, alcaguete para mostrar quem é, onde que é a casa. Aqui teve alguém que fez esse papel?

**JOÃO:** Olha, teve sim. Eu só não estou lembrando assim...

**RONALD:** O nome.

**JOÃO:** O nome. Mas teve porque meu nome foi também, Messias. Você lembra do Messias, né?

**JURANDIR:** Sim.

**JOÃO:** Como é o outro?

**JURANDIR:** É o sogro do... É do Ecotil?

**JOÃO:** Não. Não.

**JURANDIR:** É o pai do (trecho incompreensível), não?

**JOÃO:** Não. Aí gente, Raul Nunes. Raul Nunes. Os nomes, olha, eu, Raul Nunes e Messias. Esses nomes porque nós não perdia uma assembleia [sic]. Nós ia a pé [sic].

**JURANDIR:** É Messias Pimenta?

**JOÃO:** Não, Messias Vieira.

**JURANDIR:** É, Vieira.

**JOÃO:** É Messias Vieira. Morou aqui nessa rua aqui. Messias Vieira foi também um sindicalista muito bom. Mas depois da revolução, eles que eram assim muito chegado assim na Igreja católica, eles ficaram assim meio coisa e foi afastando. Quem ficou mesmo assim que não largou nada foi eu, eu não larguei para nada. Não tive problema nenhum, toda a vida fui aquilo que sou. Eu, eu entrei no posto médico, achei 10 pessoas lá. Um dos (trecho incompreensível) falou assim, eu chegando, rapaz, eu chegando assim. “Vocês não sabem qual é o comunista mais pesado dentro de Raposos?”, aí ficou: “Não. Não. (Trecho incompreensível). (Trecho incompreensível). Não. Esse é pino, ninguém, ninguém. Ele é esperto.” e tal. E outro citou meu nome. “João da Paz? Um dos comunistas pior que tem dentro de Raposos.”. E eu fui entrando assim, com ele falando, eu fui entrando. Aí cara, silenciou tudo, silenciou tudo e eu tinha tirado essa folha corrida lá no DOPS, né? Aí o que eu fiz, aí chegou um deles que estava lá me acompanhou e falou: “Olha seu João, eu queria que o senhor, o senhor prestou atenção que eu não tenho nada com isso. Não estou com o seu nome ali. Não foi eu não.”, “Não, não precisa ter dúvida não, que não foi você mesmo não. Mas eu já sei quem é.”. E esse... Aí eu fui lá (trecho incompreensível) papel de folha corrida, um dia ele me permite ali na ponte, eu estava sozinho né. Me apanhou assim na ponte, me apanhou assim na ponte já foi conversando comigo. Aí eu tirei o papel, dei a ele, aí quando ele leu aquela folha corrida, falou. Ele falou para mim: “Poxa vida, você conseguiu isto?” Rapaz, eu não sei como, deu um ódio, eu já fui pegando assim pelo o pescoço, mas eu esfreguei aquela cópia e quando (trecho incompreensível) estar perto, esfreguei no nariz dele até tirar sangue.

**JURANDIR:** A família Rocha era muito brava.

**RONALD:** Vamos então terminar?

**JURANDIR:** Tá bem né?

**RONALD:** É. Isso. Nós terminamos aqui então, de colher o seu depoimento.

**JURANDIR:** Hoje é dia 15, né?

**RONALD:** É. E agradecemos muito ao senhor pela participação. Pela boa vontade de conceder esse depoimento e vamos transcrevê-lo para dar publicidade à sua história nos documentos e relatórios que a Comissão da Verdade vai preparar sobre a história de Nova Lima e Raposos. Muito obrigado.

**JOÃO:** Mas tem um fato né, que eu queria falar para vocês. É porque na época, era a gente vivia assim, eu sempre vivi no meio, no meio. Eu nunca abandonei assembleia, todas as reuniões que tinha eu estava presente. Só uma coisa que eu fiz que eu diria assim, minha ideia, que eu nunca fui comunista mesmo, comunista eles falam que não acredita em Deus e como de fato é mesmo. Todos que eu conheci, que foi meu amigo, nenhum acreditava em Deus. Sebastião Oliveira, Zé Alexandre, eles falavam que não existia Deus. A criação foi assim, foi... Ah sei lá, eles falavam em um tom, como é que foi criado o homem, como é que foi, tudo diferente do que, da religião. Então essas época [sic], eu tive muito assim situação com eles, né, porque tudo era amigo, muito amigo mesmo, mas tinha essas divergências dentro de mim e eles. Porque eu, comunista eu nunca fui, nunca tive assim participação assim, de, assim de falar assim, nessas reuniões assinou documento ou assinou qualquer coisa, não. Eu entrava, eles pelevavam para mim assinar e eu nunca assinei. Meu irmão, Rafael. Rafael que não tinha nada com isso vai em um dia lá, assina o nome dele lá, levou ferro.

**JURANDIR:** Rafael?

**JOÃO:** Rafael. Assinou e eu não. Chegava, levava eles na conversa, entrava. Porque frequentei tudo.

**RONALD:** Tá bom.

**JOÃO:** Tudo. Tudo.

**JURANDIR:** João, então em uma formalidade, eu gostaria só que ao final você fizesse uma assinatura autorizando a gente a usar dessa gravação. Você de viva voz, podia falar que você está autorizando.

**JOÃO:** Pois é, primeiro que vocês falaram comigo, vocês só faziam publicidade desse depoimento. Não tem nenhum problema, eu permito vocês fazer.

**JURANDIR:** Então já está sacramentado. Então está ok.

**RONALD:** Então hoje, dia 15/07/2015, na presença de Jurandir Persichini membro da Comissão da Verdade do Estado de Minas Gerais. E mais os assessores Ronald Rocha e José Alexandre Sales, aqui em Raposos, da Rua...

**JURANDIR:** Maranhão. Maranhão 19.

**RONALD:** Maranhão 19, residência do Senhor João.

**JURANDIR:** João da Paz Rocha, o João Fubá, ex-presidente do sindicato dos Mineiros.

**RONALD:** Às 10h15min nós terminamos de colher o depoimento prestado graciosamente pelo Senhor João que muito contribuirá para a nossa história e para o nosso trabalho de sobremaneira. Muito obrigado.

**RONALD:** Acabamos.

**JURANDIR:** Tá bom.

**RONALD:** Agora, seu João, esse Rocha é de onde? Porque eu também sou Rocha.

**JOÃO:** Pois é.

**RONALD:** Será que nós somos parentes? Hein?

**JOÃO:** Eu sou nascido no Morro Vermelho.

**RONALD:** Morro Vermelho.

**JOÃO:** Município de Caeté.

**RONALD:** O seu pai vem de onde?

**JOÃO:** Hein?

**RONALD:** Seu pai veio de onde?

**JOÃO:** De lá também.

**RONALD:** É de lá? Tudo é de lá?

**JOÃO:** Tudo é de lá.

**RONALD:** Nunca foi de outra região?

**JOÃO:** Não.

**RONALD:** Tudo dali mesmo?

**JOÃO:** Tudo dali mesmo.

**RONALD 4:** (trecho incompreensível)

**RONALD:** Porque o Rocha, meu nome, veio do meu avó que é daquela região de Rio Pomba. Rio Pomba, Miraí, aquela região ali.

**JURANDIR:** Aí o senhor assina aqui, só autorizando, é uma formalidade para não...

**JOÃO:** Sei.

**JURANDIR:** Vamos assinar aqui?

**JOÃO:** É aqui embaixo, né?

**RONALD:** Posso recolher as coisas aqui então?

**JURANDIR:** Nós viemos cedo te amolar, mas porque nós temos uma reunião agora mesmo lá na Comissão da Verdade. Nós temos que entregar os nossos relatórios, né, já está terminando o nosso prazo.

**RONALD:** Esse aqui, você tem que ir em casa antes da reunião ou não?

**JOÃO:** Pela minha idade não...

**RONALD:** Está bom.

**JOÃO:** Não estou tremendo ainda não.

**JURANDIR:** Não. Você está um garoto, Senhor João.

**JOÃO:** Esta sou eu e minha filha. A Débora também está com problema né, (trecho incompreensível), está sendo muito atacada. De vez em quando ela vive passando mal. Tem lutado contra a dificuldade, coitada. Esses dias para trás ela teve internada. Aí ficava dois ou três dias, vem para casa, fica aí passando mal. A mente é uma doença danada, né? Ou doença que estraga as pessoas. Eu tenho duas filhas assim, mas a Eliane não é igual a ela. A Eliane é mais coisa porque a Eliane (trecho incompreensível) que desenvolve né, mexe com cozinha, tem cozinha aí na Água Limpa. Vende comida, né. Então é uma mulher que trabalha muito, então eu acho que as ideias fica melhor [*sic*].

**RONALD:** O senhor já fez 87?

**JOÃO:** Vou fazer agora em janeiro. 24 de janeiro.

**JURANDIR:** Mais está com o corpinho de 86, não está?

**RONALD:** Está bem. Será que eu chego lá?

**JOÃO:** Eu agradeço muito a Deus, porque tem gente aí que é mais novo do que eu, uns dias, outro é, já está vacilando. Entendeu? E eu ainda não dei assim. Assim, eu esqueço. Esquecer eu estou esquecendo, mas vacilo assim.

**RONALD:** Você foi presidente do Estrela?

**JURANDIR:** É. Foi. Eu joguei lá naquela época. Foi a época que eu joguei lá.

**JOÃO:** Clube das Estrelas. Fui presidente da Sociedade Beneficente [*sic*].

**JURANDIR:** (Trecho incompreensível) do Maranhão.

**JOÃO:** É, Maranhão eu criei, né.